

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE CORPO

POSFÁCIO

Maria Esther Maciel

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
[www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro / Claudia Warrak  
sobre *Nu*, de Enrico Bianco, óleo sobre eucatex, 1975

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Marina Nogueira

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Corpo/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio  
Maria Esther Maciel — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia  
das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2554-8

1. Poesia brasileira 1. Maciel, Maria Esther. II. Título.

15-00715

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

- 11 As contradições do corpo
- 13 A metafísica do corpo
- 14 O minuto depois
- 15 O amor e seus contratos
- 17 Dezembro
- 18 Pintor de mulher
- 19 Maternidade
- 20 Homem deitado
- 21 Ausência
- 22 História natural
- 23 O outro
- 24 Duende
- 25 Flor experiente
- 26 As sem-razões do amor
- 27 Aspiração
- 28 A hora do cansaço
- 29 Verdade
- 30 O seu santo nome
- 31 O pleno e o vazio
- 32 Por quê?
- 33 Mortos que andam
- 34 Como encarar a morte
- 36 Inscrição tumular
- 37 Deus e suas criaturas
- 38 Combate
- 39 Hipótese
- 40 A chave
- 42 O céu livre da fazenda
- 44 Canção de Itabira
- 46 Mudança
- 47 O ano passado
- 48 O céu

- 49 Lição  
50 Ouro Preto, livre do tempo  
53 Eu, etiqueta  
56 Passatempo  
57 Os amores e os mísseis  
59 Lembrete  
60 Canções de alinhavo  
66 Balanço  
67 Favelário nacional
- 81 Posfácio  
*O corpo e seus possíveis,*  
MARIA ESTHER MACIEL
- 95 Leituras recomendadas  
96 Cronologia  
102 Crédito das imagens  
103 Índice de títulos e primeiros versos

## AS CONTRADIÇÕES DO CORPO

Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo, não meu agente,  
meu envelope selado,  
meu revólver de assustar,  
tornou-se meu carcereiro,  
me sabe mais que me sei.

Meu corpo apaga a lembrança  
que eu tinha de minha mente.  
Inocula-me seu patos,  
me ataca, fere e condena  
por crimes não cometidos.

O seu ardil mais diabólico  
está em fazer-se doente.  
Joga-me o peso dos males  
que ele tece a cada instante  
e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor  
a fim de torná-la interna,  
integrante do meu id,  
ofuscadora da luz  
que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte  
sem que eu saiba ou que deseje,

e nesse prazer maligno,  
que suas células impregna,  
do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia  
em busca do que não quero,  
e me nega, ao se afirmar  
como senhor do meu Eu  
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,  
não sou eu quem vai senti-lo.  
É ele, por mim, rapace,  
e dá mastigados restos  
à minha fome absoluta.

Se tento dele afastar-me,  
por abstração ignorá-lo,  
volta a mim, com todo o peso  
de sua carne poluída,  
seu tédio, seu desconforto.

Quero romper com meu corpo,  
quero enfrentá-lo, acusá-lo,  
por abolir minha essência,  
mas ele sequer me escuta  
e vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso  
de inquebrantável rigor,  
não sou mais quem dantes era:  
com volúpia dirigida,  
saio a bailar com meu corpo.

A metafísica do corpo se entremostra  
nas imagens. A alma do corpo  
modula em cada fragmento sua música  
de esferas e de essências  
além da simples carne e simples unhas.

Em cada silêncio do corpo identifica-se  
a linha do sentido universal  
que à forma breve e transitiva imprime  
a solene marca dos deuses  
e do sonho.

Entre folhas, surpreende-se  
na última ninfa  
o que na mulher ainda é ramo e orvalho  
e, mais que natureza, pensamento  
da unidade inicial do mundo:  
mulher planta brisa mar,  
o ser telúrico, espontâneo,  
como se um galho fosse da infinita  
árvore que condensa  
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida.

De êxtase e tremor banha-se a vista  
ante a luminosa nádega opalescente,  
a coxa, o sacro ventre, prometido  
ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo  
resume de outra vida, mais florente,  
em que todos fomos terra, seiva e amor.

Eis que se revela o ser, na transparência  
do invólucro perfeito.

## O MINUTO DEPOIS

Nudez, último véu da alma  
que ainda assim prossegue absconsa.  
A linguagem fértil do corpo  
não a detecta nem decifra.  
Mais além da pele, dos músculos,  
dos nervos, do sangue, dos ossos,  
recusa o íntimo contato,  
o casamento floral, o abraço  
divinizante da matéria  
inebriada para sempre  
pela sublime conjunção.

Ai de nós, mendigos famintos:  
pressentimos só as migalhas  
desse banquete além das nuvens  
contingentes de nossa carne.  
E por isso a volúpia é triste  
um minuto depois do êxtase.

## O AMOR E SEUS CONTRATOS

*Voltas a um mote de Joaquim-Francisco Coelho*

*Nos contratos que tu lavras  
não vi, Amor, valimento.  
Só palavras e palavras  
feitas de sonho e de vento.*

Tanto nas juras mais vivas  
como nos beijos mais longos  
em que perduram salivas  
de outras paixões ainda ativas,  
sopro de angolas e congos,  
eu sinto a turva incerteza  
(ai, ouro de tredas lavras)  
da enovelada surpresa  
que põe tanto de estranheza  
*nos contratos que tu lavras.*

Por mais que no teu falar  
brilhe a promessa incessante  
de um afeto a perdurar  
até o mundo acabar  
e mesmo depois — diamante  
de mil prismas incendidos — ,  
amarga-me o pensamento  
de serem pactos fingidos  
e nos seus subentendidos  
*não vi, Amor, valimento.*

Experiência de escrituras  
eu tenho. De que me serve?  
Após sofridas leituras  
de ementas e de rasuras,  
no peito a dúvida ferve,

se nos mais doutos cartórios  
de Londres, Londrina, Lavras  
para assuntos amatórios,  
teus itens são ilusórios,  
*só palavras e palavras.*

As nulidades tamanhas  
que te invalidam o trato  
não sei se provêm de manhas  
ou de vistas mais estranhas.  
Serão talvez teu retrato  
gravado em vento ou em sonho  
como aéreo documento  
que nunca mais recomponho.  
São todas — digo tristonho —  
*feitas de sonho e de vento.*